

CAPOEIRA



Revista de Humanidades e Letras

ISSN: 2359-2354

Vol. 1 | Nº. 1 | Ano 2014

EDITORIAL

Site/Contato

www.capoeirahumanidadeseletras.com.br

capoeira.revista@gmail.com

Editores

Marcos Carvalho Lopes
marcosclopes@unilab.edu.br

Pedro Acosta-Leyva
leyva@unilab.edu.br

EDITORIAL

A palavra “capoeira” abriga muitas vozes, e é por essa amplitude que foi escolhida como nome para esta revista. Sua etimologia é tão controversa quanto a sua significabilidade: galinheiro, mata fechada, cesto de taquara, pássaro, arte marcial, jogo, dança etc. Essa deriva semiótica faz da de capoeira um termo interessante para capturar, ou melhor, instigar relações com o modo de pensar a partir de metonímias e analogias, que, se na Europa é uma forma de pensamento frágil – ligada a juízos estéticos e não ao conhecimento científico, no Brasil permite inverter a ordem hegemônica e carnavalizar o saber e o sentido. Capoeira joga aqui sem sentido fixo, mas aceitando o desafio da paisagem, o enigma do lugar.

A **Capoeira – Revista de Humanidades e Letras** é fruto de um encontro e da tentativa de inventar um lugar de criação de utopias. O encontro é o resultado da inauguração do “Campus dos Malês”, a unidade acadêmica da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) em São Francisco do Conde na Bahia. Os professores que aceitaram o desafio de implementar os cursos de bacharelado em Humanidades e licenciatura em Letras, assumiram também a necessidade de unir estudantes brasileiros e africanos (de países lusófonos), criando um ambiente que potencialize o ensino tanto formal, quanto tácito; ao mesmo tempo acadêmico e aberto à vivência cultural democrática. De certo modo a UNILAB é uma utopia que põem em questão e em exercício os limites e potencialidades da hospitalidade que, para alguns, marcam a lusofonia.

A revista é uma aposta no futuro, fruto de certa ingenuidade tragicômica, com a esperança na corda bamba de quem quer inaugurar o próprio solo. A aposta é que nossos alunos tenham na revista **Capoeira** uma inspiração. Que eles acessem seu conteúdo, que leiam – alguns – de seus textos, que aceitem, a partir dela, um desafio: em quantos anos publicarei meu primeiro artigo nesta revista? É um sonho modesto vendo essa publicação que agora nasce, mas é um sonho que pretendemos ser possível para todos nossos alunos. Não só pela formação, que na UNILAB enfatiza os estudos africanos e a diáspora, mas pela aposta na imaginação e na criatividade, na excelência que em grego se diz *areté* e se vincula a felicidade da vida em comum, uma virtude social fruto de uma *paidéia* democrática.

Para que este primeiro número fosse possível, contamos com a colaboração de diversos autores que acreditaram no projeto. O agradecimento toma forma no compromisso de consolidar a **Capoeira – Revista de Humanidades e Letras** como publicação que procura ir além do

paradigma eurocêntrico, construindo seu espaço como parte da conversação acadêmica em língua portuguesa.

O artigo que abre a revista é do professor Marcos Bagno – autor que é paradigma para a *paidéia* democrática que temos como horizonte –, com o título “Genocídio, migração forçada e contato na formação do português brasileiro”. A seguir temos o conto “Um erradio” de Machado de Assis numa leitura desveladora de Flávia Cristina Bandeca Biazetto. Depois Patrícia Villén nos oferece um artigo sobre Amílcar Cabral que é muito oportuno, não só porque muitos de nossos alunos são de Guiné-Bissau, mas porque a luta política por descolonização mantém seu sentido cultural como autocriação. Pensando em autocriação, em “Algumas versões da malícia” Christiane Nicole Zonzon nos brinda com um trabalho maduro que apresenta a “malícia” como um conceito que tem o sentido de uma construção ética, que abriga as potencialidades e ambiguidades da capoeira. No texto seguinte Robson Carlos da Silva e José Olímpio Ferreira Neto procuram tecer um questionamento propedêutico acerca do lugar do mestre no aprendizado da capoeira. Depois David José Silva Santos analisa a cultura rastafári presente em canções do reggae alagoano.

Neste número temos ainda uma entrevista com o filósofo Ronie Silveira e a tradução de um breve e provocador texto do filósofo Molefi Asante sobre as origens africanas da filosofia. Por fim, João Wanderley Geraldi fecha o número com uma resenha do livro **Amor & Capital. A saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução**, de Mary Gabriel.

O leitor compreenderá a metáfora da esperança na corda bamba ao ler os textos deste primeiro número. Para tornar efetivo o projeto caminhamos entre a abertura das humanidades e o foco em estudos africanos e diáspora negra, qualidade e quantidade, reverência aos paradigmas acadêmicos e abertura para inovação etc. O resultado é desigual, mas é um princípio, uma linha reta indecisa que é o primeiro traço de um horizonte, é necessário esboçar (aceitar) outros riscos, tendo como ponto de fuga sempre o aprimoramento.

Marcos Carvalho Lopes e Pedro Acosta-Leyva
Editores